

Cadernos de Tradução

Instituto de Letras

Nº 7 – Julho-Setembro de 1999

SUMÁRIO

Yasunari Kawabata e os contos que cabem na palma da mão.....	5
Meiko Shimon	
Ao calor do sol.....	11
Yasunari Kawabata	
<i>Tradução: Giselda Ribeiro da Silva</i>	
Fotografia.....	13
Yasunari Kawabata	
<i>Tradução: Gilberto Brandão dos Santos</i>	
Obrigado.....	15
Yasunari Kawabata	
<i>Tradução: Silvana Regina Lopes Mertins</i>	
Cortar as unhas pela manhã.....	18
Yasunari Kawabata	
<i>Tradução: Gilberto Brandão dos Santos</i>	
O guarda-chuva.....	20
Yasunari Kawabata	
<i>Tradução: Meiko Shimon</i>	
A partir das sombrancelhas.....	22
Yasunari Kawabata	
<i>Tradução: Gizelda Ribeiro da Silva e Vera Maria Martins Alves</i>	
Recolhendo os ossos.....	23
Yasunari Kawabata	
<i>Tradução: Iaiioi Tao e Meiko Shimon</i>	
Os vizinhos.....	28
Yasunari Kawabata	
<i>Tradução: Meiko Shimon</i>	
Imortalidade.....	32
Yasunari Kawabata	
<i>Tradução: Meiko Shimon</i>	
Cabelos Longos.....	35
Yasunari Kawabata	
<i>Tradução: Meiko Shimon e Tomoko Kimura Gaudioso</i>	
BIBLIOGRAFIA.....	41



Cadernos de Tradução

do Instituto de Letras

Diretora: Prof^ª. Maria Cristina Leandro Ferreira

Vice-Diretora: Prof^ª. Sara Viola Rodrigues

COMISSÃO EDITORIAL

Prof^ª. Sônia Terezinha Gehring

Prof^ª. Patrícia Chittoni Ramos

Prof^ª. Érica Sofia Schultz

Organizadora deste número: Prof^ª. Meiko Shimon

Revisão deste número: Edson Alcir Cardoso da Rosa
 Meiko Shimon
 Volnei Krummenauer

Capa e Editoração: Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de Editoração Eletrônica do Instituto de Letras

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Letras

Av. Bento Gonçalves, 9500 CEP 91540-000 Porto Alegre-RS

Fone: (051) 3166689 Fax: (051) 319-1719

<http://www.ufrgs.br/iletras>

E-mail: iletras@vortex.ufrgs.br

Cadernos de Tradução nº 7
OS FRAGMENTOS DO UNIVERSO DE YASUNARI KAWABATA

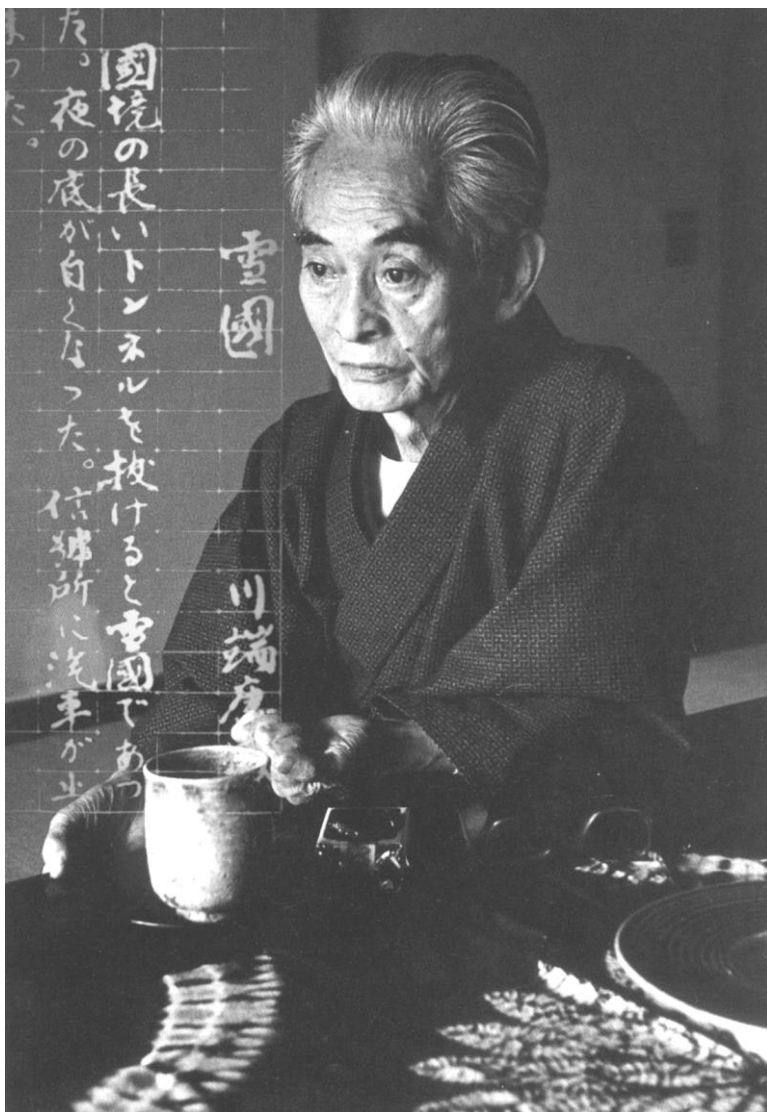


Foto de Kazuo Kakinuma, do livro *Kawabata Yasunari*, Tokio, Shogakkan, 1991.

Yasunari Kawabata (1899-1972)

Yasunari Kawabata e os contos que cabem na palma da mão

Estando à procura de obras de autores japoneses modernos ou contemporâneos para utilizar como texto no curso de Literatura Japonesa, deparei-me, casualmente, com os *Tanagokoro no shôsetsu* (Contos que cabem na palma da mão). Encontrei-os em um dos volumes das "Obras Seletas de Yasunari Kawabata". A leitura dos contos me impressionou intensamente, sobretudo, pela sua notável diferença com os demais romances já reconhecidos do escritor, como *Yukiguni*¹ e *Senbazuru*².

Mais tarde, adquirei um livro que reunia cento e vinte e dois desses *Tanagokoro no shôsetsu*. A leitura de um grande número de contos, ao meu ver, é fascinante no começo e torna-se cansativa à medida em que se prossegue. Mas isto não aconteceu com esses contos de Kawabata, devido, talvez, à riqueza dos motivos e à maestria da arte narrativa, sobretudo, pela visão de vida do autor que permeia esses episódios transformados em obras de literatura. Na verdade, li esses cento e vinte dois contos num fôlego só. É certo que passei rapidamente por cima de alguns, estranhei outros, uns e outros apenas achei interessantes. Contudo, um certo número de contos deixou-me profundas impressões a ponto de relê-los de tempos em tempos. Esses, e mesmo outros, cada vez que os relia, proporcionavam-me renovadas sensações, conduzindo-me a novas reflexões.

Yasunari Kawabata é conhecido e aceito no Japão e no Ocidente como um escritor que buscou o Belo, tanto na tematização de suas obras como no seu estilo narrativo e, sobretudo, ressaltou a beleza das tradições japonesas — que se achavam em iminente extinção devido ao inevitável processo de ocidentalização, dito modernização do país. Seu discurso comemorativo, na ocasião de agraciamento do Prêmio Nobel de Literatura, em 1968, intitulado *Utsukushii Nihon no Watakushi* (Belo Japão e eu) foi uma clara manifestação do pensamento que norteava o seu espírito criativo. No ano seguinte, em Honolulu, proferiu uma palestra intitulada *Bi no sonzai to hakken* (A presença e o descobrimento da beleza), na qual expôs vários momentos de sua vida em que experimentara profunda emoção perante à revelação da beleza dos fatos simples do seu cotidiano.

¹*Yukiguni*, de 1947, traduzido com o título de *País das neves*. Rio de Janeiro, Ed. Rocco: 1957.

²*Senbazuru*, de 1949, traduzido com o título de *Nuvens de pássaros brancos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: 1956.

A reflexão acerca das palavras de Bashô³ é uma mostra clara da sua visão estética.

Em Honolulu, Kawabata iniciou a palestra com uma descrição minuciosa da beleza que o fascinara naquela manhã, no terraço do hotel.

Eram copos de vidro enfileirados que refletiam à luz do sol matinal.⁴ Um cenário banal que passaria despercebido pela maioria das pessoas, porém, para o espírito sensível do escritor foi um precioso momento de encontro com o Belo. De maneira semelhante, o meu encontro com o *Tanagokoro no shôsetsu* foi uma ocasião dessa natureza.

Kawabata tornou-se conhecido no mundo ocidental a partir da tradução de *Yukiguni* para o inglês, feita por Edward G. Seidensticker em 1956, e, desde então, suas principais obras têm sido traduzidas para diversos idiomas. No entanto, em língua portuguesa temos poucas obras, além dos dois romances acima citados, traduções feitas a partir de uma segunda língua, com inevitável prejuízo nos seus valores artísticos e semântico-culturais. Talvez, por este motivo, a literatura de Kawabata não tenha tido a merecida atenção dos leitores brasileiros.

Nascido em Osaka em 1899, Yasunari Kawabata ficou órfão antes de completar três anos de idade, e nos anos que se sucederam faleceram sua única irmã, aos quatorze anos, e os avós que o criaram. Aos quinze anos, estava completamente só no mundo. Os biógrafos vêem nessa tragédia as marcas profundas que teriam dado origem à visão do escritor quanto à fragilidade da existência humana. O próprio Kawabata referia-se em diversas ocasiões que sofria de complexo de inferioridade e tinha forte inclinação à solidão. Estudou Literatura Inglesa no Curso Preparatório e Literatura Japonesa na Universidade de Tóquio e, ainda estudante, começou a escrever contos e ensaios críticos.

Com dezenove anos, viajou pela região de Izu, uma península a oeste de Tóquio. Durante a viagem, conheceu um grupo de artistas itinerantes, cuja convivência lhe deixou profundas impressões. Essa experiência de amizade com os artistas, especialmente, com a pequena dançarina de treze anos, proporcionou-lhe a reconciliação de sua alma com a humanidade. Nove anos depois, ele escreveu *Izu no odoriko* (A dançarina de Izu), ganhando a consagração que lhe garantiu um lugar definitivo no mundo literário japonês.

³A poesia se encontra naquele momento e naquele lugar, naturalmente" e, "O importante é reconhecer o lugar e o momento propício", isto é, não surte uma mesma emoção, se o fato acontecer em outro momento ou em outro lugar, e então não haverá poesia. Cf. Kawabata, *Bi no sonzai to hakken*. In: Kawabata Yasunari Zenshû, v.2. Tóquio, Shinchôsha: 1975, p.217-9.

⁴Ibidem, p.201-4.

Suas obras sempre foram alvo de elogios no meio crítico japonês por apresentarem um rico lirismo mesclado de observações objetivas do seu íntimo solitário e, principalmente, da psicologia feminina. Contudo, na juventude, participou ativamente dos movimentos modernistas japoneses, em especial, da corrente *Shinkankakuha* (Neo-sensorialismo), tornando-se um de seus líderes.

Costuma-se dividir o estilo literário de Kawabata em pelo menos três, de acordo com os períodos criativos. O primeiro vai desde o início até os trinta e quatro anos, abrangendo o período modernista. A corrente neo-sensorialista caracterizava-se pela sua oposição frente ao realismo-naturalista então predominante no Japão. Seus defensores almejavam criar novos universos literários, valendo-se das imagens advindas de uma acuidade sensorial, que seriam estruturadas intelectualmente.

Neste período, Kawabata foi extremamente fértil. Uma das criações mais importantes foi o conjunto de contos brevíssimos que mais tarde se tornaram conhecidos como *tanagokoro no shôsetsu* (contos que cabem na palma da mão). Kawabata amava este gênero. "Muitos escritores quando jovens compõem poemas. Eu escrevi os *tanagokoro no shôsetsu*", declarava em várias ocasiões (Matsuzaka, 1983, p.5). Ao longo de sua vida escreveu nada menos do que cento e quarenta e oito deles, sendo que oitenta e um foram escritos entre 1924 e 1930. Como era novidade na época, muitos escritores tentaram também este gênero, porém os de Kawabata foram praticamente os únicos que sobreviveram ao tempo. Por ser curta, a narrativa exigia do autor uma sensibilidade extrema desde sua estruturação até a utilização de cada palavra, a fim de obter um resultado de conteúdo denso e convincente. (É necessário esclarecer que essas narrativas curtas são referidas neste trabalho como 'contos', por falta de um termo mais adequado, embora possuam algumas características diferentes dos preceitos de 'contos' teorizados na Literatura Ocidental). Hoje, esses contos são considerados como uma vertente que deu origem à literatura de Yasunari Kawabata, pois tanto os temas e a abordagem como o estilo e a linguagem apresentam os traços que viriam a ser características deste escritor na sua fase de maturidade.

O período de 1934 até o fim da II Grande Guerra é chamado de "período de *Yukiguni*" devido à obra que marca o seu ponto culminante. Em comparação ao arrebatamento da intelectualidade e às diversas técnicas expressivas experimentadas do período anterior, Kawabata publicou poucas obras além do *Yukiguni*. Com o amadurecimento do seu estilo literário, passou a adotar uma linha que focaliza a psicologia humana, que oscila no mundo das paixões e de suas fantasias emocionais, preferindo uma análise mais profunda da alma humana através de seus personagens. A sensibilidade lírica cultivada pela leitura das obras clássicas japonesas e seu amor à viagem e à natureza mesclada com

esmerada técnica expressiva do Neo-sensorialismo resultara na riqueza narrativa de rara beleza.

Assistindo ao reerguimento do país após a semi-destruição provocada pelas guerras, Kawabata viu na onda da franca ocidentalização um distanciamento inevitável com o que havia de melhor da cultura tradicional do país. A partir do final da Segunda Guerra, o escritor dedicou-se a explorar com voracidade a realidade imagética do ser humano, alicerçada nas essências da beleza tradicional japonesa, aprimorando-se na expressividade sutil e refinada, dito estilo da elegância clássica, entrecortadas, por vezes, em inesperadas imagens de crueza com tendência ao surreal. O escritor encontrava a identificação na alma dos antepassados japoneses, no modo de viver em harmonia com a natureza reconhecendo forças superiores que estabelecem uma ordem no curso natural dos acontecimentos. Era o vislumbrar da beleza revelada em fragilidade e fugacidade da impermanência.

No terceiro período, que inicia com o final da II Guerra, Kawabata foi bastante fértil. Enquanto produzia as obras consideradas mais importantes de sua carreira, como *Yama no oto* (1954), *Nemureru bijo* (1961)⁵ e outras, além do já citado romance *Nuvens de pássaros brancos*, dedicou-se à divulgação da Literatura Japonesa no âmbito internacional.

Embora tenha escrito romances relativamente extensos, foi um escritor essencialmente de narrativas curtas, e entre essas sobressaem-se os contos que cabem na palma da mão, que produziu ao longo de sua vida, salvo alguns anos de interrupção. No espaço limitado de poucas páginas, o autor desenvolve narrativas que transcendem as emoções da alma humana em seus momentos de alegria e tristeza inerentes à própria existência do ser no seio de uma sociedade.

Os dez contos traduzidos e apresentados neste Cadernos de Tradução constituem uma pequena amostra do rico e complexo universo do gênero em questão. Procuramos trazer uma maior diversidade quanto à temática, motivo, abordagem, ambientação, personagens, etc. Nas obras de sua juventude, como *Ao calor do sol* (1923), *Fotografia* (1924) e *Obrigado* (1925), predominam características de Neo-sensorialismo que expressam sentimentos e idéias através de sensações percebidas, sem buscar respaldo na racionalidade, enquanto que *Os vizinhos* (1962), *Imortalidade* (1963) e *Cabelos longos* (1970), pertencentes ao último período criativo, apresentam um estilo em conformidade com a sensibilidade estética da tradição cultural do povo japonês.

Um outro aspecto importante nas obras de Kawabata é a presença de fatores autobiográficos, embora não se caracterize como um escritor

⁵*Yama no oto* (Os sons da montanha), romance, inédito no Brasil. *Nemureru bijo* (*A casa das belas adormecidas*). Lisboa, Assírio & Alvim: 1986.

intimista ou confessional. A experiência de seu frustrado noivado — aos vinte e um anos com uma mocinha de quatorze — reflete em diversas obras (*Ao calor do sol, Fotografia*), bem como sua convivência com o avô cego (*Ao calor do sol, Recolhendo os ossos*). Há controvérsia quanto ao ano da produção de *Recolhendo os ossos*, que fala de sua experiência ao assistir a cremação do corpo de seu avô. O escritor afirma tê-lo escrito em 1915, embora só veio a ser publicado em 1949. Alguns pesquisadores consideram-no o primeiro dos cento e quarenta e oito contos que cabem na palma da mão, porém a obra é de uma narrativa indiscutivelmente madura e que não poderia ser atribuída a um adolescente de dezessete anos. Portanto, neste trabalho adotamos 1949 o ano de sua publicação.

Desde a primeira visita (1918) à Península de Izu — da qual nasceu a obra-prima *A dançarina de Izu* — tornou-se um hábito seu permanecer nas estações termais daquela região, por vários meses, nos dez anos seguintes. Baseando-se nas suas observações quanto à natureza e ao modo de vida das pessoas do local, nasceram vários contos, inclusive *Obrigado*, um episódio que por pouco não teria sido grotesco, transformado num folclore. O olhar sensível do escritor percebe pequenas felicidades no cotidiano das pessoas simples e humildes. Embora tenha adquirido a fama de ser autor que persegue a expressão da beleza tradicional japonesa, Kawabata declarava muitas vezes que sentia maior empatia com operárias e prostitutas do que com senhoritas elegantes, e preferia as ruelas sujas do que as avenidas da moda: encantava-se com "a beleza da sujidade". Essa sua inclinação é constatada em *Obrigado* e *Cortar as unhas pela manhã*. A mocinha destinada a se tornar prostituta encontra seu momento de felicidade no homem, modelo de retidão e cortesia; a outra, já afundada na miséria e pobreza, não perde a inocência dos sonhos de criança, e sua pureza é restituída, graças a um velho senhor. A questão da pureza inocente dessas moças seria retomada quase quarenta e cinco anos depois, em *Cabelos longos*.

O guarda-chuva é uma poesia feito prosa que conta o amor adolescente. Inúmeras repetições de "menino", "menina", "ele", "ela" conferem um ritmo à narrativa. A língua japonesa admite repetição de vocábulos e isto, muitas vezes, dificulta a tradução para o português. No caso de Kawabata, a repetição que não se restringe apenas aos vocábulos, mas até às frases inteiras (*Obrigado, Cortar as unhas pela manhã, O guarda-chuva*), chega a ser uma característica do seu estilo. Numa narrativa breve como esses contos em que a economia de palavras seria imprescindível, o emprego de tantas repetições causaria estranheza, no entanto, uma leitura mais acurada revela que, na realidade, não há uma única palavra em excesso. *A partir das sobancelhas* é como uma continuação de *O guarda-chuva*: os protagonistas do tímido amor adolescente cresceram e já vivem um amor adulto e ousado.

A aparente simplicidade de *Os Vizinhos*, que parece ser apenas um retrato do cotidiano de pessoas comuns, oculta uma narrativa densa, num ambiente de exuberante beleza outonal. Os contrastes entre os casais jovem e idoso conduzem à reflexão acerca das questões familiares e sociais, à convivência do ser humano, sua relação de conflito ou harmonia com a natureza.

O tema universal dos amantes separados pela imposição social ou familiar de *Imortalidade* ganha um sabor único no mundo fantástico que transcende as fronteiras do real e do imaginário. É o cântico do amor que triunfa ao alcançar a paz da união perpétua entre o ser humano e a natureza.

O problema da solidão da velhice é confrontado em *Cabelos longos*. O escritor que desde criança convivera com a morte dos familiares, ao longo das últimas décadas havia perdido muitos de seus melhores amigos. A realidade da velhice torna-se mais evidente no contato com as jovens modernas de cabelos longos e de saias curtas. Por ser um conto mais extenso — um dos mais extensos do gênero — *Cabelos longos* revela uma outra peculiaridade da narrativa deste escritor, a tendência de seguir o fluxo de consciência. Assim, a descrição do cotidiano solitário do protagonista se desenvolve em direção às revelações inesperadas.

Depois deste, ele escreveu mais dois contos que cabem na palma da mão, sendo o último uma síntese do primeiro capítulo de *Yukiguni (País das neves)* e foi publicado postumamente. É uma prova da sua incansável busca da perfeição como também do amor a esta forma de narrativa curta. Em 16 de abril de 1972, Yasunari Kawabata morre, supostamente pelas suas próprias mãos.

Por fim, é muito gratificante e significativa esta oportunidade de lançar um número de Cadernos de Letras dedicado especialmente ao maior escritor contemporâneo japonês, Yasunari Kawabata, no ano do centenário de seu nascimento, com as traduções da equipe de Núcleo de Estudos Japoneses. Devemos apresentar, ainda, o nosso agradecimento à família do escritor que nos concedeu a permissão para a publicação destas obras.

Meiko Shimon⁶

Organizadora

Coordenadora da equipe de tradução

⁶Professora Assistente do Setor de Japonês - Instituto de Letras - UFRGS. Mestre em Língua, Literatura e Cultura Japonesa pela USP.